

Citações de Lênin sobre a questão do partido

Material para leitura do novo curso básico sobre Partido – terceiro módulo

Uma pequena contextualização deste debate em Lenin

O material que segue é um apanhado de textos de Lenin que vai de 1894 até 1902. Este material fez parte da bibliografia do Seminário sobre Regime e Concepção de Partido que foi realizado em 2017 por centenas de quadros do partido de todo o país.

O material original incluía material de Lenin até 1923 e textos polêmicos sobre a concepção de partido de Rosa Luxemburgo e Trotsky com Lênin.

Para reduzir o tamanho do material de estudo, mantemos aqui apenas os primeiros textos do Lênin sobre o partido até sua obra mais importante sobre a questão do partido, *O que fazer?* de 1902.

Usamos apenas materiais deste período por um problema de tempo de realização do curso, que nos obriga a enxugar o material de leitura, apenas o necessário para que todos os participantes possam ter uma noção da visão do Lênin sobre o partido revolucionário.

Os primeiros textos são ainda do período anterior à preparação do Congresso de 1898 (primeira tentativa de fundar o POSDR). Logo depois deste Congresso, toda a direção eleita nele foi presa e nenhum dos encaminhamentos aprovados pôde ser colocado em prática. Assim, o Congresso que efetivamente conformou o POSDR foi o segundo, que aconteceu em 1903. Mas já neste final do século 19, Lenin buscava estabelecer a visão que tinha sobre as tarefas (programa) e a relação com a classe operária que tinha o projeto – partido – que ele queria construir.

Em “O que Fazer?” Lenin trata do que, para ele, eram as tarefas dos revolucionários na Rússia para avançar na organização do partido naquele momento. Era o momento anterior ao Congresso de 1903 e os socialdemocratas estavam dispersos em inúmeros círculos por toda a Rússia. Ao discutir as tarefas necessárias para organizar o partido e como deveria ser a organização do mesmo, Lenin tratou também de definir o que, para ele, deveria a natureza política das tarefas, da ação dos revolucionários, pois nunca deixou de relacionar uma coisa com a outra. E toda esta discussão, ele a fez em polêmica com outros setores da socialdemocracia russa naquele momento, como a corrente que ele chamava de “economistas”, por exemplo.

O apanhado de textos de Lenin que reproduzimos nesta apostila é representativo das opiniões dele acerca do tema concepção e regime de partido, porém, estão condensados em 18 páginas as citações mais importantes.

Reforçamos, então, o convite para que a militância em geral estude mais sobre o assunto estudando a integra dos textos dos quais apresentamos alguns extratos aqui. Para quem queira se aprofundar, disponibilizamos o material completo do seminário realizado.

Lenin – Obras Completas: Tomo I (1894)

[definição de classe operária e prioridades] “O capitalismo havia convertido os principais ramos industriais em grandes indústrias mecanizadas; ao socializar desse modo a produção, havia criado as condições materiais do novo regime e, ao mesmo tempo, uma nova força social: a classe dos operários fabris, do proletariado urbano... É natural que os social-democratas tenham colocado toda sua atenção e todas suas esperanças nesta classe, que se proponham como programa desenvolver sua consciência de classe, que tenham orientado toda sua atuação no sentido de ajudá-la a se levantar na luta política direta contra o regime contemporâneo e de arrastar para essa luta todo o proletariado russo.” (Página 200 e 201)

(...)

Essa situação do operário fabril no sistema geral das relações capitalistas o converte no combatente único pela emancipação da classe operária porque só a fase superior do desenvolvimento do capitalismo, a grande indústria mecanizada, cria as condições materiais e as forças sociais necessárias para esta luta.

(...)

Pelo contrário, o grande capitalismo rompe de maneira inexorável toda a ligação do operário com a velha sociedade, com um determinado lugar de moradia e com um determinado explorador, o une, o obriga a pensar e o situa em condições que o permitem começar a luta organizada. À classe dos operários os socialdemocratas dirigem toda sua atenção e toda sua atividade. Quando seus representantes avançados assimilarem as ideias do socialismo científico, a ideia do papel histórico do operário russo, quando estas ideias alcançarem uma ampla difusão e entre os operários se criem sólidas organizações que transformem a atual guerra econômica distante dos operários em uma luta consciente de classe, então O OPERÁRIO russo, colocando-se à frente de todos os elementos democráticos, derrubará o absolutismo e conduzirá AO PROLETARIADO RUSSO (ao lado do proletariado DE TODOS OS PAÍSES) pelo caminho reto da luta aberta até A REVOLUÇÃO COMUNISTA VITORIOSA.” (Página 326 e 327)

(...)

“A socialdemocracia, disse Kautsky com plena razão, é a fusão do movimento operário com o socialismo. E para que o trabalho progressivo do capitalismo “se manifeste” também em nosso país, nossos socialistas devem colocar com toda energia mãos à obra; devem elaborar com mais detalhes a concepção marxista da história e da realidade russa, estudando de uma maneira mais concreta todas as formas de luta de classes e da exploração; que na Rússia estão singularmente confusas e escondidas. Devem, além disso, popularizar esta teoria, fazê-la chegar ao operário, devem ajudar o operário a assimilar ela e idealizar a forma de organização mais ADEQUADA as nossas condições para propagar a ideologia da socialdemocracia e para unir estreitamente os operários, constituindo uma força política.” (Página 349)

Lenin – Obras Completas: Tomo II (1895 a 1897)

[Do projeto de programa do partido Socialdemocrata russo]

“O movimento da classe operária russa, por seu caráter e seus fins, forma parte do movimento internacional socialdemocrata da classe operária de todos os países.” (Página 86)

(...)

B.1. Este ponto do Programa é o mais importante, o principal, porque indica em que deve consistir a atividade do Partido que defende os interesses da classe operária, a atividade de todos os operários conscientes... A atividade do partido deve consistir em contribuir à luta da classe dos operários. A tarefa do Partido não consiste em idealizar meios elegantes para ajudar os operários, mas sim aderir ao movimento operário, iluminar o caminho e em ajudar os operários nesta luta que eles já iniciaram. O programa diz que esta ajuda deve consistir, primeiramente, em desenvolver a consciência de classe dos operários... Consciência de classe dos operários é a compreensão por esses de que o único meio de melhorar sua situação e de conseguir sua emancipação consiste na luta contra a classe dos capitalistas... Além disso, a consciência de classe implica a compreensão de que os interesses de todos os operários de um país são idênticos, solidários, que formam uma mesma classe... Por último, consciência de classe significa que eles compreendam que para alcançar seus fins precisam conquistar influência nos assuntos públicos... Como os operários adquirem a compreensão de tudo isso? Ao adquirem constantemente através dessa luta que começam a travar contra os fabricantes...” (Página 104)

(...)

“Nisso deve consistir, pois, a ajuda que pode prestar o Partido Socialdemocrata à luta de classe dos operários: no desenvolvimento da consciência de classe por meio da contribuição à sua luta pelas necessidades mais essenciais. A segunda ajuda deve consistir, como se diz no programa, em contribuir à organização dos operários... A terceira consiste em indicar o verdadeiro objetivo da luta, ou seja, explicar aos operários em que consiste e com que se mantém a exploração do trabalho pelo capital, de que modo a propriedade privada da terra e dos instrumentos de trabalho conduzem à miséria das massas...” (Página 108)

(...)

“A tarefa socialista dos socialdemocratas russos consiste em fazer propaganda das doutrinas do socialismo científico, em difundir entre os operários uma compreensão justa do atual regime socioeconômico, de seus alicerces e seu desenvolvimento, das distintas classes da sociedade russa, das relações e da luta entre elas, do papel da classe operária nesta luta, de sua atitude em frente às classes em declínio e em frente às classes em desenvolvimento, em frente ao passado e ao futuro do capitalismo, assim como da missão histórica da socialdemocracia internacional e da classe operária russa. A propaganda está indissolúvelmente associada a agitação entre os operários, que nas condições políticas atuais da Rússia e com o desenvolvimento das massas operárias passa, como é natural, ao primeiro plano... A tarefa consiste em fundir nossa tarefa com os problemas práticos, cotidianos, da vida operária...” (Página 467)

(...)

[Prioridades] “Nossa tarefa se dirige, acima de tudo e especialmente, aos operários fabris da cidade. A socialdemocracia russa não deve dispersar suas forças, mas sim concentrar sua atividade entre o proletariado industrial, que é o mais sensível às ideias socialdemocratas, o mais desenvolvido nos aspectos intelectual e político, o mais importante por seu número e por seu nível de concentração nos grandes centros políticos do país. Por isso, a primeira e essencial tarefa da socialdemocracia – uma tarefa da qual seria extremamente irracional se abstrair nos momentos atuais – consiste em criar uma firme organização revolucionária entre os operários fabris da cidade. Entretanto, ao reconhecer a necessidade de concentrar nossos esforços na tarefa entre os operários fabris e condenar a dispersão de forças, não queremos dizer em modo algum que a socialdemocracia russa deva deixar de lado os demais setores do proletariado e da classe operária russa. Nada disso. O operário fabril russo se vê obrigado a cada passo, por suas próprias condições de vida, a estabelecer relações mais estreitas com os artesãos, este proletariado industrial disperso fora das fábricas por cidades e aldeias e colocado em condições muito piores. O operário fabril russo entra também em contato direto com a população rural (é frequente que tenha família no campo) e, conseqüentemente, não pode deixar de se aproximar do proletariado agrícola, à massa de milhões e milhões de boias-frias e trabalhadores rurais (NT: “braceros” e “jornaleros profesionales” se referem à trabalhadores rurais e boias-frias, porém não sei se o termo seria válido para à época), assim como aos camponeses arruinados que, agarrados aos seus míseros lotes, recorrem ao pagamento em trabalho e à “empregos” eventuais de todo tipo, isto é, também ao trabalho assalariado.

(...) Pelo contrário, a agitação entre os setores avançados do proletariado é o caminho mais seguro, o único caminho, para despertar também (à medida que se amplie o movimento) todo o proletariado russo. Ao difundir entre os operários das cidades o socialismo e a ideia da luta de classes, estas ideias fluirão inevitavelmente por canais mais pequenos, mais ramificados: para isso é preciso que as ideias mencionadas lancem raízes mais profundas nos meios melhor preparados e impregnem essa vanguarda do movimento operário russo e da revolução russa. Ao orientar todas suas forças a atuar entre os operários fabris, a socialdemocracia russa está disposta a apoiar os revolucionários russos que cheguem de fato a levar a tarefa socialista ao terreno da luta de classe do proletariado, sem ocultar o mais mínimo: que as alianças práticas, quaisquer que sejam, com outras frações dos revolucionários não podem e nem devem conduzir a compromissos ou concessões no que diz respeito à teoria, ao programa e à bandeira.” (Páginas 468, 469 e 470.) (...)

Lenin – Obras Completas: Tomo IV (1898 a 1901)

(...)

Ao concentrar agora todas suas forças no trabalho entre os operários das fábricas e das minas, a socialdemocracia não deve esquecer que, ao ampliar-se o movimento, devem incorporar-se também às fileiras das massas operárias organizadas por ela os trabalhadores domésticos, os artesãos, os operários agrícolas e milhões de camponeses arruinados e mortos de fome. (Página 185)

(...)

“A socialdemocracia não se reduz simplesmente a servir ao movimento operário, mas sim é “a fusão do socialismo com o movimento operário” (segundo a definição de K. Kautsky que reproduz as ideias básicas do Manifesto Comunista).” (Página 201)

(...)

“A orientação do socialismo até à fusão com o movimento operário é o principal mérito de K. Marx e F. Engels: eles criaram uma teoria revolucionária que explicava a necessidade dessa fusão e colocava, como tarefa dos socialistas, organizar a luta de classe do proletariado.” (Página 261)

(...)

“Ainda que nos contestem talvez que as massas operárias não compreenderam ainda a ideia da luta política, ideia ao alcance apenas dos operários mais desenvolvidos. À esta objeção, que tão frequentemente escutamos por parte dos "jovens" socialdemocratas russos, responderemos que, em primeiro lugar, a socialdemocracia foi sempre e em todo canto, e não pode deixar de sê-lo, representante dos operários conscientes e não dos operários inconscientes...”

(...)

A tarefa da socialdemocracia é desenvolver a consciência política das massas e não ir à reboque de uma massa carente de direitos políticos; em segundo lugar – e isso é o principal -, é falso que as massas não compreenderam a ideia da luta política.” (Página 333)

(...)

“Para um socialista a luta econômica serve de base para organizar os operários em um partido revolucionário, para aglutinar e desenvolver sua luta de classe contra todo o regime capitalista. Se tomamos a luta econômica por si, não encontraremos nela nada de socialista, e a experiência de todos os países europeus nos oferece numerosíssimo exemplos de sindicatos não só socialistas, mas também antissocialistas.

(...)

“A tarefa do socialista é contribuir à fusão indissolúvel da luta econômica e da luta política na luta única da classe das massas operárias socialistas.” (Página 336)

(...)

“Tem que dedicar neles muito espaço aos problemas teóricos, ou seja, à teoria geral da socialdemocracia e à sua aplicação à realidade da Rússia. A urgência de que estes problemas sejam examinados com amplitude precisamente agora é indubitável e não requer explicações depois do que já foi dito. (...) Destacamos, além disso, o objetivo de discutir sistematicamente todos os problemas políticos: o Partido Operário Socialdemocrata deve ser porta-voz de todas as questões colocadas pela vida em todos os terrenos, das questões da política interior e internacional. E devemos dar conta de que todo socialdemocrata e todo operário consciente tenham um critério concreto sobre todos os problemas fundamentais: sem essa condição são impossíveis uma propaganda e uma agitação amplas e sistemáticas.” (Página 344)

(...)

“A socialdemocracia é a união do movimento operário com o socialismo. Sua missão não consiste em servir passivamente ao movimento operário em cada uma de suas fases, mas sim em representar os interesses de todo o movimento em seu conjunto, destacar para este movimento seu objetivo final, suas tarefas políticas e proteger sua independência política e ideológica. [...] (Página 393)

O Que Fazer? Problemas Candentes do Nosso Movimento

Lenin (1902)

(...)

I – Dogmatismo e “Liberdade de crítica!

(...)

Engels e a Importância da Luta Teórica

(...)

Quem conhece, por pouco que seja, a situação de fato de nosso movimento não pode deixar de ver que a grande difusão do marxismo foi acompanhada de certo abaixamento do nível teórico. Muitas pessoas, cujo preparo era ínfimo ou nulo, aderiram ao movimento pelos seus sucessos práticos e importância efetiva. Pode-se julgar a falta de tacto demonstrada pelo Rabótcheie Dielo, pela definição de Marx, que lançou de forma triunfante: “Cada passo avante, cada progresso real, valem mais que uma dúzia de programas”.

Repetir tais palavras nessa época de dissensão teórica equivale a dizer à vista de um cortejo fúnebre: “Tomara que sempre tenham algo para levar!” Além disso, essas palavras são extraídas da carta sobre o programa de Gotha, na qual Marx condena categoricamente o ecletismo no enunciado dos princípios. Se a união é verdadeiramente necessária, escrevia Marx aos dirigentes do partido, façam acordos para realizar os objetivos práticos do movimento, mas não cheguem, ao ponto de fazer comércio dos princípios, nem façam “concessões” teóricas. Tal era o pensamento de Marx, e eis que há entre nós pessoas que, em seu nome, procuram diminuir a importância da teoria!

Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário. Não seria demasiado insistir sobre essa ideia em uma época, onde o entusiasmo pelas formas mais limitadas da ação prática aparece acompanhado pela propaganda em voga do oportunismo. Para a socialdemocracia russa em particular, a teoria assume importância ainda maior por três razões esquecidas com muita frequência, a saber: primeiro, nosso partido apenas começou a se constituir. A elaborar sua fisionomia, e está longe de ter acabado com as outras tendências do pensamento revolucionário que ameaçam desviar o movimento do caminho certo. Ao contrário, assistimos justamente nesses últimos tempos (como Axelrod já há muito havia predito aos “economistas”) ao recrudescimento das tendências revolucionárias não sociais-democratas. Nessas condições, um erro “sem importância” à primeira vista pode acarretar as mais deploráveis consequências, e é preciso ser míope para considerar inoportunas ou supérfluas as controvérsias de facção e a estrita delimitação dos matizes. Da consolidação deste ou daquele matiz pode depender o futuro da socialdemocracia russa por muitos e longos anos.

Segundo, o movimento socialdemocrata é, pela sua própria essência, internacional. Isso não significa somente que devemos combater o chauvinismo nacional. Significa, também, que um movimento iniciado em um país jovem só pode ter êxito se assimilar a experiência dos outros países. Ora, para tanto não é suficiente apenas conhecer essa experiência, ou limitar-se a copiar as últimas resoluções. É preciso saber proceder à análise crítica dessa experiência e comprová-la por si próprio. Somente quando se constata o quanto se desenvolveu e se ramificou o movimento operário contemporâneo, pode-se compreender a reserva de forças teóricas e de experiência política (e revolucionária) necessárias para se realizar essa tarefa.

Terceiro, a socialdemocracia russa tem tarefas nacionais como nenhum outro partido socialista do mundo jamais o teve. Mais adiante, falaremos das obrigações políticas e da organização que nos impõe essa tarefa: liberar todo um povo do jugo da autocracia. No momento, apenas indicaremos que só um partido guiado por uma teoria de vanguarda é capaz de preencher o papel de combatente de vanguarda. E para se fazer uma ideia mais concreta do que isso significa, lembre-se o leitor dos predecessores da socialdemocracia russa, tais como Herzen, Bielínski, Tchernichévski e a brilhante plêiade de revolucionários de 1870-1880; pense na importância mundial de que a literatura, russa atualmente se reveste;

(...)

II – A espontaneidade das massas e a consciência da socialdemocracia

(...)

Ascensão do Espontaneísmo

No capítulo anterior assinalamos o entusiasmo generalizado da juventude russa instruída pela teoria marxista, por volta de 1895. Foi também nessa mesma época, que as greves operárias, após a famosa guerra industrial de 1896 em Petersburgo, revestiram-se de um caráter geral. Sua extensão por toda a Rússia atestava claramente a profundidade do movimento popular que de novo surgia, e se falamos do “elemento espontâneo”, é certamente nesse movimento de greves que devemos nos referenciar, antes de tudo. Mas, há espontaneidade e espontaneidade. Houve, na Rússia, greves nas décadas de 1870 e 1880 (e mesmo na primeira metade do século XIX), que foram acompanhadas da destruição “espontânea” de máquinas etc. Comparadas a esses “tumultos”, as greves após 1890 poderiam mesmo ser qualificadas de “conscientes”, tal foi o progresso do movimento operário nesse intervalo. Isto nos mostra que o “elemento espontâneo”, no fundo, não é senão a forma embrionária do consciente. Os tumultos primitivos já traduziam certo despertar da consciência: os operários, perdiam sua crença costumeira na perenidade do regime que os oprimia; começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva, e rompiam deliberadamente com a submissão servil às autoridades. Era, portanto. Mais uma manifestação de desespero e de vingança que de luta. As greves após 1890 mostram-nos melhor

os lampejos de consciência: formulam-se reivindicações precisas, procura-se prever o momento favorável, discutem-se certos casos e exemplos de outras localidades etc. Se os tumultos constituíam simplesmente a revolta dos oprimidos, as greves sistemáticas já eram o embrião, mas, nada além do embrião – da luta de classe. Tomadas em si mesmas, essas greves constituíam uma luta sindical, mas não ainda socialdemocrata; marcavam o despertar do antagonismo entre operários e patrões; porém, os operários não tinham, e não podiam ter, consciência da oposição irreduzível e de seus interesses com toda a ordem política e social existente, isto é, a consciência socialdemocrata. Nesse sentido, as greves após 1890, apesar do imenso progresso que representaram em relação aos “tumultos”, continuavam a ser um movimento essencialmente espontâneo.

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência socialdemocrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc.(2) Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais. Os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses. Da mesma forma, na Rússia, a doutrina teórica da socialdemocracia surgiu de maneira completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário; foi o resultado natural, inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. A época de que falamos, isto é, por volta de 1895, essa doutrina constituía não apenas o programa perfeitamente estabelecido do grupo “Liberação do Trabalho”, mas também conquistara para si a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

(...)

O Culto da Espontaneidade. “Rabotchaia Mysl”

(...)

“lutar sabendo que o faziam não por remotas gerações futuras, mas por eles próprios e por seus filhos” (editorial do n.º 1 da Rabótchaia Mysl). As frases desse gênero foram sempre a arma preferida dos burgueses do Ocidente que, odiando o socialismo, trabalhavam (como Hirsch, o “social-político” alemão) para transplantar para seus países o sindicalismo inglês, e diziam aos operários que a luta exclusivamente sindical é uma luta por eles próprios e por seus filhos, e não por remotas gerações futuras com vistas a um incerto socialismo futuro. E agora os “V.V. da socialdemocracia russa” se põem a repetir essas frases Zurguesas. Aqui, é importante assinalar três pontos que nos serão de grande utilidade para a continuação de nossa análise sobre as divergências atuais.

Em primeiro lugar, o aniquilamento da consciência pela espontaneidade, de que falamos, também se deu de maneira espontânea. Isto parece um jogo de palavras, mas infelizmente é uma verdade amarga. O que provocou esse aniquilamento não foi uma luta declarada entre duas concepções absolutamente opostas, nem a vitória de uma sobre a outra, mas o desaparecimento de um número cada vez maior de “velhos” revolucionários “colhidos” pelos policiais, e a entrada em cena, cada vez maior, dos “jovens” “V.V. da socialdemocracia russa”. Quem quer que tenha, não direi participado do movimento russo contemporâneo, mas simplesmente respirado o seu ar, sabe perfeitamente que esta é precisamente a situação. E se, apesar disso, insistimos particularmente para que o leitor considere com cuidado esse fato conhecido de todos, se para maior evidência referimo-nos, de algum modo, aos dados sobre o Rabótcheie Dielo do primeiro período, e sobre a discussão entre “jovens” e “velhos” no início de 1897, é porque as pessoas que se gabam de espírito democrático” especulam sobre a ignorância desse fato pelo grande público (ou entre os adolescentes). Mais adiante, ainda voltaremos a esse ponto.

Em segundo lugar, desde a primeira manifestação literária do “economicismo” podemos observar um fenômeno eminentemente original e extremamente característico para a compreensão de todas as divergências entre sociais-democratas da atualidade: os partidários do “movimento puramente operário”, os adeptos da ligação mais estreita e mais “orgânica” (expressão do Rab. Dielo) com a luta proletária, os adversários de todos os intelectuais não operários (ainda que fossem intelectuais socialistas) foram obrigados, para defender sua posição, a recorrer aos argumentos burgueses “exclusivamente sindicais” (...) Isto mostra (o que não pode chegar a compreender o Rabótcheie Dielo), que todo culto da espontaneidade

do movimento operário, toda diminuição do papel do “elemento consciente”, do papel da socialdemocracia significa – quer se queira ou não – um reforço da influência da ideologia burguesa sobre os operários. Todos aqueles que falam de “superestimação da ideologia”, de exagero do papel do elemento consciente etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e irá elaborar para si, uma ideologia independente, com a única condição de que os operários “arranquem sua sorte das mãos de seus dirigentes”. Mas, isto constitui um erro profundo. Para completar o que dissemos acima, citaremos ainda as palavras profundamente justas e significativas de K. Kautsky, a propósito do projeto do novo programa do partido socialdemocrata austríaco.

“Muitos de nossos críticos revisionistas atribuem a Marx a afirmação de que o desenvolvimento econômico e a luta de classes não somente criam as condições da produção socialista, mas engendram diretamente a consciência (o grifo é de K.K.) de sua necessidade. E eis que esses críticos objetam que a Inglaterra, país do mais avançado desenvolvimento capitalista, está mais alheia do que qualquer outro país a essa consciência. O projeto do programa leva a crer que a comissão que elaborou o programa austríaco partilha, também, desse ponto de vista dito marxista ortodoxo, que refuta o exemplo da Inglaterra. O projeto afirma: “Quanto mais o proletariado cresce com o desenvolvimento capitalista, mais é obrigado e tem a possibilidade de lutar contra o capitalismo. O proletariado adquire a “consciência” da possibilidade e da necessidade do socialismo. Por conseguinte, a consciência socialista constituirá o resultado necessário, direto da luta proletária de classe. Ora, isto é inteiramente falso. Como doutrina, o socialismo evidentemente tem suas raízes nas relações econômicas atuais, da mesma forma que a luta de classe do proletariado; do mesmo modo que esta última, resulta da luta contra a pobreza e a miséria das massas, provocadas pelo capitalismo. Mas o socialismo e a luta de classe surgem paralelamente e um não engendra o outro; surgem de premissas diferentes. A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico. De fato, a ciência econômica contemporânea constitui tanto uma condição da produção socialista como, por exemplo, a técnica moderna, e, apesar de todo o seu desejo, o proletariado não pode criar nem uma nem outra; ambas surgem do processo social contemporâneo. Ora, o portador da ciência não é o proletariado, mas os intelectuais burgueses (o grifo é de KA.): foi do cérebro de certos indivíduos dessa categoria que nasceu o socialismo contemporâneo, e foram eles que o transmitiram aos proletários intelectualmente mais evoluídos, que o introduziram, em seguida, na luta de classe do proletariado onde as condições o permitiram. Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora (von Aussenhineigetranses) na luta de classe do Proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente (ur wüchsig). Também o antigo programa de Heinfeld dizia, muito justamente, que a tarefa da socialdemocracia é introduzir no proletariado (literalmente: preencher o proletariado com) a consciência de sua situação e a consciência de sua missão. Não seria necessário fazê-lo se essa consciência emanasse naturalmente da luta de classe. Ora, o novo projeto emprestou essa tese do antigo programa e juntou-se à tese acima citada. O que interrompeu completamente o curso do pensamento...”

No momento, não seria possível falar de uma ideologia independente, elaborada pelas próprias massas operárias no curso de seu movimento(13), o problema coloca-se exclusivamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio-termo (pois a humanidade não elaborou uma “terceira” ideologia; e, além disso, em uma sociedade dilacerada pelos antagonismos de classe não seria possível existir uma ideologia à margem ou acima dessas classes). Por isso, toda diminuição da ideologia socialista, todo distanciamento dela implica o fortalecimento da ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa, efetua-se justamente segundo o programa do “Credo”, pois o movimento operário espontâneo é o sindicalismo, a Nur-Gewerkschafilerei: ora, o sindicalismo é justamente a escravidão ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, nossa tarefa, a da socialdemocracia, é combater a espontaneidade, desviar o movimento operário dessa tendência espontânea que apresenta o sindicalismo, de se refugiar sob as asas da burguesia, e atraí-lo para a socialdemocracia revolucionária. Por conseguinte, a frase dos autores da carta “econômica” do n.º. 12 do Iskra, afirmando que todos os esforços dos mais inspirados ideólogos não poderão desviar o movimento operário do caminho determinado pela ação recíproca dos elementos materiais e do meio material, equivale exatamente a abandonar o socialismo, e se esses autores fossem capazes de meditar no que dizem, até às últimas consequências, com lógica e destemor, como deve

fazer quem se dedica ao campo da ação literária e social, não lhes restaria senão cruzar sobre o peito vazio seus braços inúteis” e... deixar o campo livre aos senhores Struve e Prokopovitch, que arrastam o movimento operário “no sentido do mínimo esforço”, isto é, no sentido do sindicalismo burguês, ou aos senhores Zubatov, que o arrastam no sentido da “ideologia” clérigo-policia.

Recorde-se o caso da Alemanha. Qual foi o mérito histórico de Lassalle diante do movimento operário alemão? Foi ter desviado este movimento do caminho do sindicalismo progressista e do cooperativismo, para onde se dirigia espontaneamente (com a ajuda benévola dos Schulze-Delitzsch e consortes). Para realizar essa tarefa, foi preciso mais do que frases a respeito da subestimação do elemento espontâneo, sobre a tática-processo, sobre a ação recíproca dos elementos e do meio etc. Para isso foi preciso uma luta encarniçada contra a espontaneidade, e só após essa luta de longos e longos anos que se chegou, por exemplo, a fazer da população operária de Berlim o baluarte do partido progressista, uma das melhores cidadelas da social-democracia. E esta luta está ainda longe de terminar (como poderiam supor os estudiosos da história do movimento alemão através de Prokopovitch, e da filosofia desse movimento através de Strouve). Ainda agora, a classe operária alemã está dividida, se assim se pode dizer, entre diversas ideologias: uma parte dos operários está agrupada nos sindicatos operários católicos e monarquistas; outra, nos sindicatos Hirsch-Duncker, fundados pelos admiradores burgueses do sindicalismo inglês; uma terceira, nos sindicatos sociais-democratas. Esta última parte é infinitamente mais numerosa que todas as outras, mas a ideologia social-democrática não pode obter, e não poderá conservar essa supremacia, senão através de uma luta incansável contra todas as outras ideologias.

Mas, por que – perguntará o leitor – o movimento espontâneo, que se dirige para o sentido do mínimo esforço, conduz exatamente à dominação da ideologia burguesa? Pela simples razão de que, cronologicamente, a ideologia burguesa é muito mais antiga que a ideologia socialista, está completamente elaborada e possui meios de difusão infinitamente maiores. Quanto mais jovem for o movimento socialista em um país, mais energicamente terá que lutar contra todas as tentativas feitas para consolidar a ideologia não socialista; tanto mais resolutamente será preciso colocar os operários em guarda contra os maus conselheiros que gritam contra a “superestimação do elemento consciente” etc. Com o Rabótcheie Dielo, os autores da carta econômica gritam em uníssono contra a intolerância própria à infância do movimento. A isto responderemos: de fato, nosso movimento ainda está em sua infância, e para atingir sua virilidade deve justamente imbuir-se de intolerância em relação àqueles que, através de seu culto da espontaneidade, retardam seu desenvolvimento. Nada há de mais ridículo e de mais prejudicial para se colocar ao velho militante que, há muito, já passou por todas as fases decisivas da luta!

Em terceiro lugar, o primeiro número da Rabótchaia Mysl mostra-nos que a denominação de “economicismo” (à qual, evidentemente, não temos intenção de renunciar, pois de qualquer modo este vocábulo já adquiriu direito de ser citado) não traduz com exatidão suficiente o fundo da nova tendência. A Rabótchaia Mysl não nega completamente a luta política: os estatutos da caixa que pública em seu primeiro número falam da luta contra o governo. A Rabótchaia Mysl considera somente que “o político segue sempre docilmente o econômico”. (E o Rabótcheie Dielo dá uma variação dessa tese, afirmando em seu programa que “na Rússia, mais que em qualquer outro país, a luta econômica é inseparável da luta política”). Essas teses da Rabótchaia Mysl e do Rabótcheie Dielo são absolutamente falsas, se por política se entende a política socialdemocrata. Com muita frequência, a luta econômica dos operários, como já vimos, está ligada, (não de forma indissolúvel, é verdade) à política burguesa, clerical, ou outra. As teses do Rabótcheie Dielo são justas, se por política se entende a política sindical, isto é, a aspiração geral dos operários a obter do Estado as medidas suscetíveis de remediar os males inerentes à sua situação, mas, que não suprimem tal situação, isto é, não suprimem a submissão do trabalho ao capital. Essa aspiração é, de fato, comum aos sindicalistas ingleses hostis ao socialismo, aos operários católicos e aos operários “de Zubatov”, etc. Há política e política. Assim, pois, vemos que a Rabótchaia Mysl, mesmo no que concerne à luta política, mais do que repudiá-la, inclina-se diante de sua espontaneidade, sua inconsciência. Reconhecendo inteiramente a luta política que surge espontaneamente do próprio movimento operário (ou, mais ainda: os anseios e reivindicações políticas dos operários) recusa-se por completo a elaborar ela

própria uma política socialdemocrata específica, que responda às tarefas gerais do socialismo e as condições russas atuais.

(...)

[13] Naturalmente, isto não significa que os operários não participem dessa elaboração. Mas não participam na qualidade de operários, participam como teóricos do socialismo, como os Proudhon e os Weitling; em outras palavras, não participam senão na medida em que conseguem adquirir os conhecimentos mais ou menos perfeitos de sua época, e fazê-los progredir. E para que os operários consigam com maior frequência, é preciso esforçar-se o mais possível para elevar o nível da consciência dos operários em geral; é preciso que não se limitem ao quadro artificialmente restrito da “literatura para operários”, mas que saibam assimilar cada vez melhor a literatura para todos. Seria mesmo mais exato dizer, em lugar de “se limitem”, não sejam limitadas, porque os próprios operários lêem e desejariam ler tudo o que se escreve também para os intelectuais: somente alguns intelectuais (deploráveis) pensam que é suficiente falar “aos operários” da vida da fábrica e repisar aquilo que eles já sabem há muito tempo.

III – Política Trade-Unionista e política socialdemocrata

(...)

A agitação política e sua restrição pelos economistas

(...)

A grande maioria dos sociais-democratas russos, nesses últimos tempos, foi quase inteiramente absorvida pela organização dessas denúncias de fábricas. É bastante lembrar a Rabótchaia Mysl para se ver a que ponto chegou tal absorção; esquecia-se que, no fundo, essa atividade não era ainda em si mesma socialdemocrata, mas apenas sindical. As denúncias referiam-se, no fundo, somente às relações dos operários de uma determinada profissão com seus patrões, e não tiveram, outro resultado senão o de ensinar àqueles que vendiam sua força de trabalho, a vender esta “mercadoria” de forma mais vantajosa, e a lutar contra o comprador no terreno de uma transação puramente comercial. Essas denúncias (na condição de serem convenientemente utilizadas pela organização dos revolucionários) podiam servir de ponto de partida e de elemento constitutivo da ação socialdemocrata; mas também podiam (e até deviam, quando se inclinava diante da espontaneidade) conduzir à luta “exclusivamente profissional” e a um movimento operário, não socialdemocrata. A socialdemocracia dirige a luta da classe operária, não apenas para obter condições vantajosas na venda da força de trabalho, mas, também, pela abolição da ordem social, que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos. A socialdemocracia representa a classe operária em suas relações não apenas com um determinado grupo de empregadores, mas com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Consequentemente, portanto, os sociais-democratas não podem limitar-se à luta econômica, mas, também não podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade mais definida. Devemos empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política.

(...)

A socialdemocracia revolucionária sempre compreendeu e compreende em sua atividade a luta pelas reformas. Usa, porém, a agitação “econômica” não somente para exigir do governo medidas de toda espécie, mas, também (e sobretudo), para dele exigir que deixe de ser um governo autocrático. Além disso, acredita dever apresentar ao governo essa reivindicação não somente no terreno da luta econômica, mas também no terreno de todas as manifestações, quaisquer que sejam, da vida política e social. Em uma palavra, subordina a luta pelas reformas, como a parte ao todo, à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo.

(...)

Como Martynov Aprofundou Plekhanov

(...)

Mas, os Lomonossov não somente ignoram de maneira particular as coisas (isto seria apenas meio mal!), como também não se dão conta de sua ignorância. Isto constitui uma verdadeira desgraça, que os leva a empreender repentinamente a tarefa de “aprofundar” Plekhanov.

“Depois que Plekhánov escreveu o opúsculo em questão (As Tarefas dos Socialistas na Luta Contra a Fome na Rússia) muita água correu”, diz Lomonossov—Martínov. “Os sociais-democratas que dirigiram durante dez anos a luta econômica da classe operária... ainda não tiveram tempo de dar amplo fundamento teórico à tática do Partido. Agora essa questão chegou à maturidade, e se quisermos conferir tal fundamento teórico, devemos aprofundar de forma segura os princípios táticos que, em seu tempo, Plekhánov desenvolveu... Devemos agora diferenciar entre a propaganda e a agitação, de maneira distinta do que o fez Plekhánov. (Martínov acaba de citar as palavras de Plekhánov: ‘O propagandista inculca muitas ideias em uma única pessoa, ou em um pequeno número de pessoas: o agitador inculca apenas uma única ideia. Ou um pequeno número de ideias: em troca, inculca-as em toda uma massa de pessoas’). ‘Por propaganda entendemos a explicação revolucionária de todo o regime atual, ou de suas manifestações parciais, quer feita de forma acessível a apenas algumas pessoas, ou às grandes massas. Pouco importa. Por agitação, no sentido estrito da palavra (sic), entendemos o apelo dirigido às massas para certos atos concretos, a contribuição para a intervenção revolucionária direta do proletariado na vida social’.”

Nossas felicitações à socialdemocracia russa – e internacional – que recebe assim, graças a Martínov, uma nova terminologia mais estrita e mais profunda. Até agora, pensávamos (com Plekhánov e todos os dirigentes do movimento operário internacional) que um propagandista, ao tratar, por exemplo, do problema do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, mostrar o que as torna inevitáveis na sociedade moderna, mostrar a necessidade da transformação dessa sociedade em sociedade socialista etc. Em uma palavra, deve fornecer “muitas ideias”, um número tão grande de ideias que, de momento, todas essas ideias tomadas em conjunto apenas poderão ser assimiladas por um número (relativamente) restrito de pessoas. Tratando da mesma questão, o agitador tomará o fato mais conhecido de seus ouvintes, e o mais palpitante, por exemplo, uma família de desempregados morta de fome, a indignação crescente etc., e apoiando se sobre esse fato conhecido de todos, fará todo o esforço para dar à “massa” uma única ideia”: a da contradição absurda entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria; esforçar-se-á para suscitar o descontentamento, a indignação da massa contra essa injustiça gritante, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa dessa contradição. Por isso, o propagandista age principalmente por escrito, e o, agitador de viva voz. Não se exige de um propagandista as mesmas qualidades de um agitador. Diremos que Kautsky e Lafargue, por exemplo, são propagandistas, enquanto Bebel e Guesde são agitadores. Distinguir um terceiro domínio, ou uma terceira função da atividade prática, função que consistiria em “atrair as massas para certos atos concretos”, é o maior dos absurdos, pois o “apelo” sob forma de ato isolado, ou é o complemento natural e inevitável do tratado teórico, do folheto e propaganda, do discurso de agitação, ou é uma função pura e simples de execução.

As Denúncias Políticas e “A Educação para a Atividade Revolucionária”

Dirigindo contra o Iskra sua “teoria” da “elevação da atividade da massa operária”, Martínov revelou, na realidade, sua tendência de rebaixar essa atividade declarando que o meio melhor, de especial importância, “o mais amplamente aplicável- para suscitá-la, e o próprio campo dessa atividade era essa mesma luta econômica diante da qual prostram-se todos os “economistas”. Erro característico, pois está longe de ser unicamente próprio à Martínov. Na realidade, a “elevação da atividade da massa operária” será possível unicamente se não nos limitarmos à “agitação política no terreno econômico”. Ora, uma das condições essenciais para a extensão necessária da agitação política é organizar as revelações políticas em todos os aspectos. Somente essas revelações podem formar a consciência política e suscitar a atividade revolucionária das massas. Por isso essa atividade é uma das funções mais importantes de toda a socialdemocracia internacional, pois mesmo a liberdade política não elimina absolutamente as revelações; apenas modifica um pouco sua direção. Assim, o partido alemão, graças à constante energia com que prossegue sua campanha de revelações políticas, fortifica de modo particular suas posições e estende sua influência. A consciência da classe operária não pode ser uma consciência política verdadeira, se os

operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; a reagir justamente do ponto de vista socialdemocrata, e não de qualquer outro ponto de vista. A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe verdadeira, se os operários não aprenderem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande atualidade, para observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a análise e o critério materialista a todas as formas da atividade e da vida de todas as classes, categorias e grupos de população. Todo aquele que orienta a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusiva ou preponderantemente para ela própria, não é um socialdemocrata; pois para conhecer a si própria, de fato, a classe operária deve ter um conhecimento preciso das relações recíprocas de todas as classes da sociedade contemporânea, conhecimento não apenas teórico... ou melhor: não só teórico, como fundamentado na experiência da vida política. Eis porque nossos “economistas”, que pregam a luta econômica como o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas no movimento político, realizam um trabalho profundamente prejudicial e reacionário em seus resultados práticos. Para tornar-se um socialdemocrata, o operário deve ter uma ideia clara da natureza econômica, da fisionomia política e social do grande proprietário de terras e do padre, do dignatário, e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer seus pontos fortes e seus pontos fracos, saber enxergar nas fórmulas correntes e sofismas de toda espécie com que cada classe e cada camada social encobre seus apetites egoístas e sua “natureza” verdadeira; saber distinguir esses ou aqueles interesses que refletem as instituições e as leis, e como as refletem. Ora, não é nos livros que o operário poderá obter essa “ideia clara”: ele a encontrará apenas nas amostras vivas, nas revelações ainda recentes do que se passa em um determinado momento à nossa volta, do que todos ou cada um falam ou cochicham entre si, do que se manifesta nesses ou naqueles fatos, números, vereditos, e assim até o infinito. Essas revelações políticas abrangendo todos os aspectos são a condição necessária e fundamental para educar as massas em função de sua atividade revolucionária. Por que o operário russo ainda manifesta tão pouco sua atividade revolucionária face às violências selvagens exercidas pela polícia contra o povo, face à perseguição das seitas, às “vias de fato” quanto aos camponeses, aos abusos escandalosos da censura, às torturas infligidas aos soldados, à guerra feita às iniciativas mais inofensivas em matéria de cultura, e assim por diante? Será porque a “luta econômica” não o “incita” a isso, porque lhe “promete” poucos “resultados tangíveis”, oferece-lhe poucos resultados “positivos”? Não, repetimos, pretender isso é querer atribuir a outrem suas próprias faltas, é atribuir à massa operária o seu próprio filistinismo (ou bernsteinismo). Até agora, não soubemos organizar campanhas de denúncias suficientemente amplas, ruidosas e rápidas contra todas essas infâmias; a culpa é nossa, de nosso atraso em relação ao movimento de massas. E se o fizermos (devemos e podemos fazê-lo), o operário mais atrasado compreenderá ou sentirá que o estudante e o membro de uma seita, o mujique e o escritor estão expostos às injúrias e à arbitrariedade da mesma força tenebrosa que o oprime e pesa sobre ele a cada passo, durante toda sua vida; e, tendo sentido isso, desejará, desejará irresistivelmente e saberá ele próprio reagir; hoje, ele fará “arruaças” contra os censores, amanhã fará manifestações diante da casa do governador, que terá reprimido uma revolta camponesa, depois de amanhã castigará os policiais de sotaina que fazem o trabalho da santa inquisição etc. Até agora fizemos muito pouco, quase nada, para lançar entre as massas operárias revelações sobre todos os aspectos da atualidade. Muitos dentre, nós não têm nem mesmo consciência dessa obrigação que lhes cumpre, e arrastam se cegamente atrás da “obscura luta cotidiana” no estreito quadro da vida da fábrica.

(...)

A Classe Operária como Combatente de Vanguarda pela Democracia

Vimos que a agitação política mais ampla e, por conseguinte, a organização de grandes campanhas de denúncias políticas constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa mais imperiosamente necessária à atividade, se esta atividade for verdadeiramente socialdemocrata. Mas, chegamos a essa conclusão partindo unicamente da necessidade mais premente da classe operária, necessidade de conhecimentos políticos e de educação política. Ora, essa forma de colocar a questão, em si mesma, seria demasiado restrita, pois desconheceria as tarefas democráticas de toda a socialdemocracia em geral, e da

socialdemocracia russa atual, em particular. Para esclarecer essa tese, da maneira mais concreta possível, tentaremos abordar a questão do ponto de vista mais “familiar” aos “economistas”, do ponto de vista prático. “Todo o mundo está de acordo” que é preciso desenvolver a consciência política da classe operária. A questão é saber como fazê-lo e o que é preciso para isso. A luta econômica “incita” os operários “a pensar” unicamente na atitude do governo em relação à classe operária, por isso, quaisquer que sejam os esforços que façamos para “conferir à própria luta econômica um caráter político”, jamais poderemos, dentro desse objetivo, desenvolver a consciência política dos operários (até o nível da consciência política socialdemocrata), pois, os próprios limites desse objetivo são demasiado estreitos. A fórmula de Martínov nos é preciosa, não como ilustração do talento confuso de seu autor, mas porque traduz de forma relevante o erro capital de todos os “economistas”, a saber a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários, por assim dizer, a partir do interior de sua luta econômica, isto é, partindo unicamente (ou, ao menos, principalmente) dessa luta, baseando-se unicamente (ou, ao menos, principalmente) nessa luta. Essa perspectiva é radicalmente falsa, justamente porque os “economistas”, extenuados por nossa polêmica contra eles, não querem refletir seriamente sobre a origem de nossas divergências, e sobre o que resultou disso: literalmente não nos compreendemos, e falamos línguas diferentes. A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões. O único domínio onde se poderá extrair esses conhecimentos é o das relações de todas as classes e categorias da população com o Estado e o governo, o domínio das relações de todas as classes entre si. Por isso, à questão: que fazer para levar aos operários os conhecimentos políticos? – não se poderia simplesmente dar a resposta com a qual se contentam, na maioria dos casos, os práticos, sem falar daqueles dentre eles que se inclinam para o “economicismo”, a saber: “ir até os operários”. Para levar aos operários os conhecimentos políticos, os sociais-democratas devem ir a todas as classes da população, devem enviar em todas as direções os destacamentos de seu exército. Se escolhermos essa fórmula rude, se nossa linguagem é cortante, deliberadamente simplificada, não é absolutamente pelo prazer de enunciar paradoxos, mas para “incitar” os “economistas” a pensar nas tarefas que desdenham de maneira tão imperdoável, na diferença existente na política sindical e na política socialdemocrata, que não querem compreender. Por isso, pedimos ao leitor não se impacientar e seguir-nos atentamente até o fim. Consideremos o tipo de círculo socialdemocrata mais difundido nesses últimos anos e vejamos sua atividade. Tem “contatos com os operários” e se atém a isso, editando “folhas volantes” onde condena os abusos nas fábricas, o partido que o governo toma em favor dos capitalistas e violências da polícia. Nas reuniões com, os operários, é sobre tais assuntos que se desenrola ordinariamente a conversa, sem quase sair disso; as conferências e debates sobre a história do movimento revolucionário, sobre a política interna e externa de nosso governo, sobre a evolução econômica da Rússia e da Europa, sobre a situação dessas ou daquelas classes na sociedade contemporânea etc., constituem exceções extremas, e ninguém pensa em estabelecer e desenvolver sistematicamente relações no seio das outras classes da sociedade. Para dizer a verdade, o ideal do militante, para os membros de tal círculo, aproxima-se na maioria dos casos muito mais ao do secretário de sindicato do que do dirigente político socialista. De fato, o secretário de um sindicato inglês, por exemplo, ajuda constantemente os operários a conduzir a luta econômica, organiza revelações sobre a vida de fábrica, explica a injustiça das leis e disposições que entravam a liberdade de greve, a liberdade dos piquetes (para prevenir a todos que há greve em uma determinada fábrica); mostra o partido tomado pelos árbitros que pertencem às classes burguesas etc. etc. Em uma palavra, todo secretário de sindicato conduz e ajuda a conduzir a “luta econômica contra os patrões e o governo”. E não seria demais insistir que isto ainda não é “socialdemocratismo”; que o socialdemocrata não deve ter por ideal o secretário do sindicato, mas o tribuno popular, que sabe reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza, qualquer que seja a classe ou camada social atingida, que sabe generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista, que sabe aproveitar a menor ocasião para expor diante de todos suas convicções socialistas e suas reivindicações democratas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado.

(...)

IV – Os Métodos Artesanais dos Economistas e a Organização dos Revolucionários

As afirmações do Rabótcheie Dielo, já examinadas anteriormente, declarando que a luta econômica é o meio mais amplamente aplicável de agitação política, que nossa tarefa consiste, hoje, em conferir à própria luta econômica um caráter político etc., refletem uma concepção estreita de nossas tarefas, não somente em matéria política, mas ainda em matéria de organização. Para conduzir “a luta econômica contra os patrões e o governo”, não é necessária uma organização centralizada para toda a Rússia (e ela não poderia se constituir no curso de tal luta), organização que agruparia em um único ataque comum todas as manifestações, quaisquer que fossem, de oposição política, de protesto e de indignação, organização de revolucionários profissionais, dirigida pelos verdadeiros chefes políticos de todo o povo. Aliás, isto pode ser compreendido. Toda instituição tem sua estrutura natural e inevitavelmente determinada pelo conteúdo de sua ação. Por isso, pelas afirmações acima analisadas, o Rabótcheie Dielo consagra e legitima a estreiteza não somente da ação política, mas também do trabalho de organização. Nesse caso, como sempre, a consciência desse órgão inclina-se diante da espontaneidade. Ora, o culto das formas de organização que se elaboram espontaneamente, o fato de ignorar o quanto é estreito e primitivo nosso trabalho de organização e até que ponto somos ainda “rudimentares” em relação a esse aspecto importante, o fato de ignorar tudo isso, digo, constitui uma verdadeira doença do nosso movimento. Não uma doença de decadência, mas, evidentemente, de crescimento. Porém, precisamente hoje que a onda de revolta espontânea se espalha – poder-se-ia dizer – até a nós, dirigentes e organizadores do movimento, o que é preciso é sobretudo a luta mais intransigente contra a menor tentativa de defender nosso atraso, de legitimar a estreiteza nessa matéria; é preciso sobretudo despertar entre todos aqueles que participam, ou apenas se dispõem a participar do trabalho prático, o descontentamento em relação ao trabalho artesanal, que reina entre nós, e a firme vontade de nos desembaraçarmos dele.

(...)

A Organização dos Operários e a Organização dos Revolucionários

Se para o socialdemocrata a ideia de “luta econômica contra os patrões e o governo” identifica-se à de luta política, é natural que a ideia de “organização de operários” identifique-se, entre eles, mais ou menos à ideia de “organização de revolucionários”. E, na realidade, é o que acontece, de modo que falando de organização, falamos línguas absolutamente diferentes. Lembro-me, por exemplo, de uma conversa que tive um dia com um “economista” bastante consequente, e que ainda não conhecia. A conversa girou em torno do folheto “Quem Fará a Revolução Política?” Concluímos, rapidamente, que seu principal defeito era não considerar os problemas de organização. Pensávamos já estar de acordo, mas... prosseguindo a conversa, percebemos que falávamos de coisas diferentes. Meu interlocutor, acusava o autor de não levar em consideração as caixas de auxílio às greves, as sociedades de socorro mútuo etc.; quanto a mim, falava da organização de revolucionários indispensável para “fazer” a revolução, política. E desde que ocorreu essa divergência, não me lembro mais de ter estado de acordo sobre qualquer questão de princípio com esse “economista”!

Mas, qual era, pois, a causa de nossas divergências? Justamente o fato de os “economistas” desviarem-se constantemente do “social-democratismo” para o sindicalismo, tanto nas tarefas de organização como nas tarefas políticas. A luta política da socialdemocracia é muito maior e muito mais complexa que a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência) a organização de um partido socialdemocrata revolucionário deve necessariamente constituir um gênero diferente da organização dos operários para a luta econômica. A organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, profissional; em segundo lugar, a maior possível; em terceiro lugar, a menos clandestina possível (aqui e mais adiante refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Ao contrário, a organização dos revolucionários deve englobar, antes de tudo e principalmente, homens cuja profissão é a ação revolucionária (por isso, quando falo de uma organização de revolucionários, refiro-me aos revolucionários sociais-democratas).

(...)

Ora, eu afirmo: 1º) que não seria possível haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade do trabalho; 2º) que quanto maior a massa espontaneamente integrada à luta, formando a base do movimento e dele participando, mais imperiosa é a necessidade de se ter tal organização, e mais sólida deve ser essa organização (senão será mais fácil para os demagogos arrastar as camadas incultas da massa); 3º) que tal organização deve ser composta principalmente de homens tendo por profissão a atividade revolucionária; 4º) que, em um país autocrático, quanto mais restringirmos o contingente dessa organização, ao ponto de aí não serem aceitos senão os revolucionários de profissão que fizeram o aprendizado na arte de enfrentar a polícia política, mais difícil será “capturar” tal organização e 5º) mais numerosos serão os operários e os elementos das outras classes sociais, que poderão participar do movimento e nele militar de forma ativa.

(...)

Envergadura do Trabalho de Organização

(...)

Não, a sociedade fornece um número muito grande de homens aptos ao “trabalho”, mas não sabemos utilizá-los a todos. O estado crítico, o estado transitório de nosso movimento nesse aspecto pode ser assim formulado: Há falta de homens embora os homens existam em grande quantidade. Os homens existem em grande quantidade porque a classe operária e camadas cada vez mais variadas da sociedade fornecem, a cada ano, um número sempre maior de descontentes, desejosos de protestar, prontos a cooperar de acordo com suas forças na luta contra o absolutismo, cujo caráter intolerável ainda não foi reconhecido por todo o mundo, mas é cada vez mais vivamente sentido por uma massa cada vez maior. E, ao mesmo tempo, há falta de homens, porque não há dirigentes, chefes políticos, organizadores capacitados para realizar um trabalho simultaneamente amplo, coordenado e harmonioso, que permita utilizar todas as forças, mesmo as mais insignificantes.

(...)

Atesta que nossa primeira e imperiosa, obrigação é contribuir para formar revolucionários operários, que estejam no mesmo nível dos revolucionários intelectuais em relação à sua atividade no Partido. (Grifamos “em relação à atividade no Partido, pois, em relação aos outros aspectos, atingir esse mesmo nível constitui, para os operários, algo muito menos fácil e muito menos urgente, embora necessário). Por isso, é preciso que nos dediquemos principalmente a elevar os operários ao nível dos revolucionários, e nunca devemos descer, nós próprios, ao nível da “massa operária” como desejam os “economistas”, ao nível do “operário médio” como quer a Svoboda (que, sob esse aspecto, eleva ao quadrado a “pedagogia” economista). Longe de mim negar a necessidade de uma literatura popular para os operários, e de uma outra especificamente popular (mas não uma literatura de carregação) para os operários mais atrasados.

(...)

A fim de se preparar integralmente para essa tarefa, o operário revolucionário deve tornar-se também um revolucionário profissional. Por isso, B-v não tem razão ao dizer que, estando o operário ocupado durante onze horas e meia na fábrica, as outras funções revolucionárias (salvo a agitação) “devem estar a cargo forçosamente de um número ínfimo de intelectuais”. De forma alguma isto acontece “forçosamente”, mas, sim em consequência de nosso atraso; porque não compreendemos nosso dever, que é ajudar todo operário que se faz notar por suas capacidades a se tornar agitador, organizador, propagandista, divulgador profissional etc. etc. Em relação a esse aspecto, desperdiçamos vergonhosamente nossas forças, pois não sabemos cuidar do que precisa ser cultivado e desenvolvido com o maior desvelo. Vejam os alemães: têm cem vezes mais forças que nós, mas compreendem perfeitamente que os operários “médios” não fornecem com muita frequência agitadores verdadeiramente capazes etc. Por isso, tomam a peito a questão de colocar imediatamente todo operário capaz em condições que lhe permitam desenvolver a fundo e aplicar suas aptidões; fazem dele um agitador profissional, encorajam-no a alargar seu campo de ação, a estendê-lo de uma única fábrica a toda a profissão, de uma única localidade a todo o país. Assim, adquire a experiência e a habilidade em sua profissão; alarga o seu horizonte e seus conhecimentos, observa de perto os chefes políticos eminentes de outras localidades e de outros partidos; esforça-se por elevar a si próprio ao nível de tais chefes e aliar o conhecimento do meio operário e o ardor da fé socialista

à competência profissional, sem a qual o proletariado não pode empreender uma luta tenaz contra um inimigo perfeitamente preparado. E assim, e apenas assim, que surgem os Bebel e os Auer da massa operária. Mas aquilo que em um país politicamente livre é feito por si só, entre nós deve ser realizado sistematicamente por nossas organizações. Todo agitador operário, um pouco dotado e em quem se “deposite esperanças”, não deve trabalhar onze horas na fábrica. Devemos cuidar para que viva por conta do partido e possa, no momento desejado, passar à ação clandestina, mudar de localidade, pois, de outro modo, não adquirirá grande experiência, não alargará seu horizonte, não se poderá manter sequer por alguns anos na luta contra os policiais. Quanto mais amplo e profundo tornar-se o impulso espontâneo das massas operárias, mais serão colocados em destaque aqueles agitadores de talento, e também os organizadores e propagandistas talentosos e “práticos” no melhor sentido da palavra (que são tão poucos entre nossos intelectuais, em sua maioria tão apáticos e indolentes à maneira russa). Quando tivermos destacamentos de operários revolucionários especialmente preparados (e, bem entendido, de “todas as armas” da ação revolucionária) por um longo aprendizado, nenhuma polícia política do mundo poderá derrubá-los, porque esses destacamentos de homens devotados de corpo e alma à revolução gozarão da confiança ilimitada das massas operárias. E cometemos um erro não “empurrando” bastante os operários para esse caminho, comum tanto a eles como aos intelectuais, o caminho da aprendizagem revolucionária profissional, e arrastando-os com muita frequência para trás. Através de nossos discursos estúpidos sobre o que é “acessível” à massa operária, aos “operários médios” etc. Também sob esse aspecto, a estreiteza do trabalho de organização apresenta uma conexão inegável, íntima (embora a imensa maioria dos “economistas” e dos práticos novatos não tenham consciência disso) com a restrição de nossa teoria e de nossas tarefas políticas. O culto da espontaneidade faz com que de certa forma tenhamos medo de nos afastarmos nem que seja um só passo daquilo que é “acessível” à massa; de nos elevarmos muito acima da simples satisfação de suas necessidades diretas e imediatas. Nada temam, Senhores! Lembrem-se que em matéria de organização estamos em tão baixo nível que é até absurdo pensar que poderíamos subir tão alto!

A Organização de “Conspiradores” e o Democratismo

(...)

(...) o único princípio sério em matéria de organização deve ser: segredo rigoroso, escolha rigorosa dos membros, formação de revolucionários profissionais. Reunidas essas qualidades, teremos algo mais do que o “democratismo”: uma confiança plena e fraternal entre revolucionários. Ora, esse algo a mais nos é absolutamente necessário, pois, entre nós, na Rússia, não seria possível substituir isso pelo controle democrático geral. E seria um grande erro acreditar que a impossibilidade de um controle verdadeiramente “democrático” torna os membros da organização revolucionária incontrolláveis: de fato, estes não têm tempo de pensar nas formas pueris do “democratismo” (“democratismo” no seio de um núcleo restrito de camaradas entre os quais, haja plena confiança), mas percebem com muita clareza sua responsabilidade, e além disso sabem pela própria experiência que, para se livrar de um membro indigno, uma organização de verdadeiros revolucionários não recuará diante de qualquer meio. Ademais, existe entre nós, no meio revolucionário russo (e internacional), uma opinião pública bastante desenvolvida, que tem uma longa história e castiga com rigor implacável qualquer falta aos deveres de camaradagem (ora, o “democratismo”, o democratismo verdadeiro e não pueril, é um elemento constitutivo dessa noção de camaradagem!). Levando tudo isso em conta, compreenderemos como esses discursos e resoluções sobre as “tendências antidemocráticas” exalam o cheiro de porão característico da emigração, Corri suas pretensões ao generalato! É conveniente notar, além da ingenuidade, uma outra fonte desses discursos, que também se origina da ideia confusa que se faz da democracia. A obra do casal Webb sobre os sindicatos ingleses apresenta um capítulo curioso sobre a “democracia primitiva”. Os autores aí narram que os operários ingleses, no primeiro período de existência de seus sindicatos, consideravam como condição necessária da democracia a participação de todos os membros em todos os detalhes da gestão dos sindicatos: não somente todas as questões eram resolvidas pelo voto de todos os membros, mas também as próprias funções eram exercidas por todos os membros, sucessivamente. Foi preciso uma longa experiência histórica para que os operários compreendessem o absurdo de tal concepção da democracia e a necessidade de instituições representativas, de um lado, e de funcionários profissionais, de outro. Foi

preciso que ocorressem inúmeras falências de caixas sindicais para fazer com que os operários compreendessem que a questão da relação proporcional entre as cotizações depositadas e os subsídios recebidos não podia ser decidida apenas pelo voto democrático, e que tal questão também exigia o parecer de um especialista em seguros. Em seguida, tomem o livro de Kautsky sobre o parlamentarismo e a legislação popular, e verão que as conclusões desse teórico marxista concordam com os ensinamentos advindos da longa prática dos operários “espontaneamente” unidos. Kautsky ergue-se resolutamente contra a concepção primitiva da democracia de Rittinghausen, zomba das pessoas prontas a reclamar, em nome dessa democracia, de “os jornais populares serem redigidos pelo próprio povo”, prova a necessidade de jornalistas, de parlamentares profissionais etc., para a direção social democrata da luta de classe do proletariado, “ataca o socialismo dos anarquistas e dos literatos” que, “visando o efeito”, pregam a legislação popular direta e não compreendem que sua aplicação é muito relativa na sociedade atual. Aqueles que trabalham praticamente em nosso movimento, sabem como a concepção “primitiva” da democracia difundiu-se amplamente entre a juventude estudantil e os operários. Não é de surpreender que essa concepção também invada os estatutos e a literatura. Os “economistas” do tipo bernsteiniano escreviam em seus estatutos: “§ 10. Todos os casos que interessem à organização como um todo será decidido por maioria dos votos de todos os seus membros”. Os “economistas” do tipo terroristas repetem atrás deles: “É preciso que as decisões dos comitês tenham passado por todos os círculos antes de se tornarem decisões válidas” (Svoboda, n.º 1, P. 67). Observem que essa reivindicação relativa à aplicação ampla do referendo é acrescentada à que deseja que toda a organização seja construída sobre o princípio eletivo! Longe de nós, bem entendido, a ideia de condenar por isso os práticos que tiveram tão pouca possibilidade de se iniciarem na teoria e na prática de organizações. Verdadeiramente democráticas. Mas quando o Rabótcheie Dielo, que aspira a um papel de dirigente, limita-se em condições semelhantes a uma resolução sobre o princípio de uma ampla democracia, por que não dizer de forma simples que “visa o efeito”?

Parte V – “Plano” de um jornal político para toda a Rússia

(...)

Pode um Jornal Ser um Organizador Coletivo?

O artigo “Por Onde Começar?” apresenta de essencial a colocação precisa dessa questão e sua resolução afirmativamente. Segundo sabemos, a única pessoa que tentou analisar a questão em profundidade e provar a necessidade de resolvê-la negativamente foi L. Nadejdine, cujos argumentos reproduzimos na íntegra:

“...A maneira como o Iskra põe em foco a necessidade de um jornal para toda a Rússia muito nos agrada, mas não podemos de forma alguma admitir que esse ponto de vista identifique-se ao título do artigo, “Por Onde Começar?”. Inegavelmente isto constitui algo de extrema importância, mas não é com isso, nem com toda uma série de panfletos populares, nem com uma montanha de proclamações que os fundamentos de uma organização de combate para um momento revolucionário podem ser lançados. É preciso abordar a questão da criação de fortes organizações políticas locais. Não as temos, temos trabalhado sobretudo entre os operários instruídos, uma vez que as massas foram conduzidas quase que exclusivamente para a luta econômica. Sem fortes organizações políticas locais bem treinadas, de que serviria um jornal para toda a Rússia, mesmo que fosse perfeitamente organizado? Uma sarça ardente que queima sem se consumir, e que não inflama a ninguém! Ao redor desse jornal, por esse jornal, o povo reunir-se-á e organizar-se-á para a ação, assim pensa o Iskra. Mas, isto será feito de modo muito mais rápido através da reunião e organização em torno de um trabalho mais concreto! Isto pode e deve consistir na criação de jornais locais em grande escala, na preparação imediata das forças operárias para manifestações; as organizações locais efetuarão uma ação constante entre os sem-trabalho (difundir sem cessar, entre eles, folhas volantes e panfletos; convocar os sem-trabalho para reuniões, exortá-los à resistência ao governo etc.) É preciso empreender localmente um trabalho político vivo; e quando surgir a necessidade da união nesse terreno real, não será artificial e não permanecerá no papel. Não será com jornais que se poderá unificar o trabalho local em um plano comum para toda a Rússia” (Às Vésperas da Revolução, p. 54).

Grifamos nessa passagem eloquente, os trechos que permitem melhor apreender a falsa ideia que o autor faz de nosso plano e, em geral, a falsidade do ponto de vista que ele opõe ao Iskra. Sem organizações políticas locais, fortes, e bem treinadas, de nada serviria à Rússia o melhor jornal que se pudesse fazer. Isto é absolutamente correto. Infelizmente, para educar pessoas para formar organizações políticas fortes não há outro meio senão um jornal para toda a Rússia.

(...)

Em uma época onde as tarefas da socialdemocracia são depreciadas, não se pode começar o “trabalho político vivo” senão através de uma agitação política viva, o que é impossível sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e seja difundido de forma regular. Os que vêem no “plano” do Iskra apenas “literatura”, não o compreenderam em sua essência; tomaram como fim o que se propõe, no momento presente, como o meio mais indicado. Essas pessoas não se deram ao trabalho de refletir sobre as duas comparações que ilustram esse plano de maneira relevante. A elaboração de um jornal político para toda a Rússia – escrevia-se no Iskra – deve ser o fio condutor: seguindo-o, poderemos desenvolver ininterruptamente essa organização, aprofundá-la e alargá-la (isto é, a organização revolucionária sempre pronta a apoiar todo protesto e efervescência). Por favor, digam-me: quando, os pedreiros colocam em diferentes pontos as pedras de um enorme edifício, de linhas absolutamente originais, esticam um fio que os ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica o objetivo final de todo o trabalho, que lhes permite colocar não apenas cada pedra, mas até cada pedaço de pedra que, cimentado ao que o precedeu e ao que o sucede, formará a linha definitiva e total. Será isto um trabalho “de escrita”? Não é evidente que, hoje, atravessamos em nosso Partido um período em que, possuindo as pedras e os pedreiros, falta-nos exatamente esse fio que fosse visível para todo o mundo e ao qual cada um pudesse se ater?

(...)

Atualmente, em sua maioria, essas forças são exauridas no estreito campo de ação do trabalho local. Mas, então, haveria a possibilidade e a oportunidade constantes de transferir de um extremo a outro do país todo agitador ou organizador pouco capaz. Após terem começado por pequenas viagens para tratar de assuntos do Partido, às custas do Partido, os militantes estariam habituados a viver inteiramente por conta do Partido; tornar-se-iam revolucionários profissionais e preparar-se-iam para o papel de verdadeiros chefes políticos. E se realmente chegássemos a obter que a totalidade ou a maior parte dos comitês, grupos e círculos locais se associassem ativamente para a obra comum, poderíamos em breve elaborar um semanário, regularmente divulgado em dezenas de milhares de exemplares em toda a Rússia. Esse jornal seria parte de um gigantesco fole de urna forja que aticasse cada fagulha da luta de classes e da indignação popular, para daí fazer surgir um grande incêndio. Em torno dessa obra em si ainda inofensiva e pequena, mas regular e comum no pleno sentido da palavra, um exército permanente de lutadores experimentados seria sistematicamente recrutado e instruído. Sobre os andaimes e cavaletes dessa organização comum em construção, logo veríamos subir, saídos das fileiras de nossos revolucionários, os Jeliabov socialdemocratas e, saídos das fileiras de nossos operários, os Bebel russos que, à frente desse exército mobilizado, levantariam todo o povo para fazer justiça à vergonha e à maldição que pesam sobre a Rússia.

É com isto que precisamos sonhar! “É preciso sonhar!” (...)

(...)

De que tipo de organização necessitamos

(...)

Aqueles que como o Iskra colocam a agitação política entre todo o povo à base de seu programa, de sua tática e de seu trabalho de organização, correm menos riscos de deixar a revolução acontecer sem percebê-la. As pessoas que, em toda a Rússia, ocupam-se em trançar os fios de uma organização, fios a serem ligados a um jornal para toda a Rússia, não deixaram de perceber os acontecimentos da primavera; ao contrário, ofereceram-nos a possibilidade de predizê-los. Não deixaram passar despercebidas as manifestações descritas nos números 13 e 14 do Iskra: ao contrário, compreendendo seu dever de auxiliar o impulso espontâneo da multidão, participaram dessas manifestações e, ao mesmo tempo, contribuíram

através de seu jornal para que todos os camaradas russos percebessem o seu caráter e utilizassem sua experiência. Se continuarem vivos, verão acontecer a revolução que exigirá de todos nós, antes e acima de tudo, a experiência em matéria de agitação, e que saibamos sustentar (à maneira socialdemocrata) todos os protestos, dirigir o movimento espontâneo e preservá-lo dos erros dos seus amigos e ciladas dos seus, inimigos! Chegamos, assim, à última consideração que nos força a insistir, de forma particular, no plano de organização em torno de um jornal para toda a Rússia, através da colaboração de todos para esse jornal comum. Apenas essa organização poderá assegurar ao empreendimento de combate socialdemocrata a flexibilidade indispensável, isto é, a faculdade “de evitar a batalha em terreno descoberto com um inimigo numericamente superior, que concentrou suas forças em um único ponto e a faculdade de aproveitar a incapacidade do inimigo, quanto à estratégia militar, para atacá-lo onde e quando menos o espera(9)”. Seria um gravíssimo erro estruturar a organização do Partido contando apenas com as manifestações e combates de rua, ou com “a marcha progressiva da obscura luta cotidiana”. Devemos realizar sempre nosso trabalho cotidiano e devemos estar sempre prontos para tudo, porque com muita frequência é quase impossível prever a alternância dos períodos de explosão e dos períodos de calma momentânea; e quando é possível prevê-los, não se pode tirar partido disso para remanejar a organização, pois, em um país autocrático, a situação muda com assombrosa rapidez: às vezes basta uma batida noturna dos janizaros czaristas. E não seria possível imaginar a própria revolução sob a forma de um ato único (como parecem fazer os Nadejdine): a revolução será uma sucessão rápida de explosões mais ou menos violentas, alternando-se algumas fases de calma momentânea mais ou menos profunda. Por isso, a atividade essencial de nosso Partido, o palco de sua atividade, deve consistir em um trabalho que seja possível e necessário tanto nos períodos de explosões mais violentas como nos de calma absoluta, isto é, deve consistir em um trabalho de agitação política unificada para toda a Rússia, que ilumine todos os aspectos de vida e dirija-se às massas em geral. Ora, esse trabalho é inconcebível na Rússia atual, sem um jornal que interesse a todo o país e apareça com bastante frequência. A organização a ser constituída por si mesma em torno desse jornal, a organização de seus colaboradores (no sentido amplo de palavra, isto é, todos aqueles que trabalham para ele) estará pronta para tudo, para salvar a honra, o prestígio e a continuidade no trabalho do Partido nos momentos de grande “depressão” dos revolucionários, e para preparar, determinar o início e realizar a insurreição armada do povo.